

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

Iconografia paulistana do século XIX

Antonio Augusto da Costa Faria¹

¹ Antonio Augusto da Costa Faria é formado em História pela USP. É técnico da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e professor de História Ambiental do curso de Administração com Formação Específica em Gestão Ambiental do SENAC.

Nada mais pobre do que a iconografia paulistana anterior ao século XIX. Antes disso, em alguns raros mapas dos séculos XVII e XVIII, apenas pequenas figuras de algumas poucas casas representando simbolicamente a cidade. Nenhuma outra imagem chegou até nós representando a cidade ou seus habitantes anterior a 1812.

Não que a iconografia relativa à cidade seja espetacular com relação ao século XIX, mas os artistas viajantes que por aqui passaram deixaram registros excelentes de como era o modorrento burgo colonial implantado no Planalto Paulistano no século XVI. O livro *Iconografia paulistana do século XIX*, organizado por Pedro Corrêa do Lago (São Paulo: Metalivros, 1998) nos traz essas imagens, um azepepe da melhor qualidade para todos aqueles que são apaixonados pela cidade e sua história. Segundo o Pedro Corrêa do Lago, “pretende-se reunir pela primeira vez, num só volume, todas as imagens identificadas da cidade de São Paulo e de seus costumes no século XIX, até o surgimento da fotografia, com as vistas tiradas a partir de 1860 por Militão (Militão Augusto de Azevedo), primeiro grande fotógrafo da cidade”.

O bibliófilo José Mindlin, no Prefácio da obra, observa que se trata de um “trabalho de grande interesse, e excelente qualidade, fruto de pesquisa paciente e cuidadosa, cuja dificuldade bem posso avaliar. De fato, quem achar que, por ser muito reduzida a iconografia paulistana do século XIX, seu recenseamento e descrição é tarefa bastante fácil está redondamente enganado. Na realidade, ela não só é reduzida como se encontra dispersa, e em lugares difíceis de descobrir”.

No século XIX São Paulo foi retratada por menos de quinze artistas viajantes, destacando-se grandes nomes como Thomas ENDER (1793-1875), Edmund PINK (1790-1833), William John BURCHELL (1781-1863), Charles LANDSEER (1794-1874), Jean Baptiste DEBRET (1768-1848), Eduard HILDEBRANDT (1818-1869). “Os costumes de seus habitantes”, diz Pedro Corrêa, “foram registrados por esses e alguns outros artistas, e a maioria dessas imagens foi publicada de forma esparsa em diversos trabalhos de História da cidade. Este livro inclui várias obras inéditas, e permite, pela primeira vez, uma visão abrangente das raras imagens da São Paulo antiga.” A obra de cada um desses artistas que pintou ou desenhou a cidade nesses sessenta anos iniciais do século XIX será estudado em capítulo específico e todas as obras reproduzidas e comentadas pelo organizador do livro.

Para se ter uma avaliação da pobreza quantitativa da iconografia paulistana para o século XIX, Gilberto Ferrez, para o Rio de Janeiro, e no mesmo período, entre gravuras, aquarelas, óleos e desenhos, realizados por artistas nacionais e sobretudo estrangeiros, levantou quase 8.000 imagens diferentes anteriores à fotografia, iconografia impressionante para qualquer cidade do mundo no século passado. “É verdade”, diz Pedro Corrêa, “que o cenário natural do Rio de Janeiro, a condição de capital e sua posição de porta de acesso ao Brasil a viajantes estrangeiros tornavam a cidade particularmente atraente para os

artistas, profissionais e amadores, que não deixaram de registrar suas impressões em numerosíssimas obras nos mais diversos meios.”

No mesmo período em que o Rio de Janeiro foi retratado milhares de vezes, da cidade de São Paulo têm-se apenas pouco mais de oitenta imagens. Isso, segundo Pedro Corrêa, se explica pela relativa dificuldade de acesso à cidade e também pelo fato de só ter sido autorizada em 1807 a viagem do primeiro estrangeiro, John Mawe, ao interior do Brasil. Nas décadas seguintes, raros foram os atrativos da pequena capital de província para os viajantes que se aventuravam pelo interior e que só parecem ter visitado São Paulo de passagem, a caminho de Minas Gerais ou outras regiões na época mais pitorescas. “O primeiro esforço de Militão para fotografar a cidade na década que se inicia em 1860 quase duplica esse total de oitenta vistas, e a partir daí se vão tornando mais numerosas as imagens de São Paulo.”

A São Paulo colonial sempre teve uma periferia importante, que vivia em função da cidade e garantia seu abastecimento de diversos gêneros. “Assim”, segundo Pedro Corrêa, “adotou-se para esta pesquisa um critério de delimitação geográfica: incluíram-se todas as imagens que faziam parte da então cidade de São Paulo ou da Paróquia da Sé, que compreendia São Bernardo (até 1812), e foram deixadas de lado Cubatão e Mogi, apesar da proximidade da capital. Com relação aos costumes dos habitantes, foram escolhidas todas as imagens que se referissem a ‘paulistas’, na medida em que não é possível diferenciar se o artista retratava uma pessoa da província ou da própria cidade de São Paulo. Em todo o caso, há grande semelhança entre os trajes dos habitantes da capital e de outras cidades da província.” O outro objetivo e delimitação do organizador é este: “Este livro não se propõe a estudar a evolução urbana de São Paulo no século XIX, (...) mas sim a trajetória dos artistas de maior ou menor talento que o acaso trouxe à cidade no decorrer do século e que dela deixaram registros visuais valiosos do ponto de vista histórico ou documental. O estudo da obra desses artistas realizada durante sua estada em São Paulo é a preocupação principal deste trabalho, e a observação das modificações paulatinas que se verificam na topografia da cidade nesse serve principalmente ao propósito de comparação dos pontos de vista escolhidos pelos artistas para a realização de suas obras.”

As quase sessenta imagens referentes a costumes paulistas que chegaram até nós completam as informações fornecidas pelas vistas para compor o quadro da vida paulistana nas primeiras décadas do século XIX. “O que mais impressiona é talvez a vestimenta das mulheres, que, apesar dos esforços dos governos locais desde o século XVIII, permaneciam envoltas em longas capas e mantilhas, ‘rebuçadas em dois côvados de baeta’, na poética expressão da época. Baetas eram panos de lã com que as paulistanas se cobriam para sair às ruas, à maneira muçulmana, e eram necessários dois côvados (1,5 metro) do tecido e uma mantilha debruada de renda para que se completasse sua invariável indumentária. Segundo as estatísticas disponíveis, as mulheres da cidade eram bem mais numerosas que os homens, até a chegada das grandes levas de imigrantes.”

A pobre iconografia do período que vai do começo do século até 1870, quando a economia do café traz a primeira grande onda de prosperidade, foi felizmente o que restou para que se pudesse conhecer uma cidade que desapareceu completamente. Ou seja, a cidade como a conhecemos hoje em nada se parece com a urbe que se transformou numa das maiores cidades do mundo. “Durante o século XIX, porém, a evolução de São Paulo foi muito mais lenta, e o período coberto pela iconografia agora levantada corresponde justamente à longa estagnação da cidade que vai de 1800 a 1870. As três primeiras décadas do século mostram uma cidade que ainda conserva características marcadamente coloniais e até mesmo bandeirantistas. Nada de particular distinguia a dormente São Paulo desse período de cidades até mesmo mais promissoras como Santos, Sorocaba ou Campinas, senão sua condição de capital da província e sede de diocese. A economia era ainda insignificante, e somente o comércio e as tropas (de mulas) traziam prosperidade a alguns cidadãos mais abastados, pois a produção agrícola era principalmente voltada para o mercado interno”, com exceção do açúcar produzido no interior da província, no chamado “Quadrilátero do Açúcar”, compreendendo Campinas, Jundiaí, Sorocaba e outras cidades próximas.

A cidade de São Paulo anterior a 1870, descrita como “taciturna e reservada”, “triste, monótona e quase desanimada”, já dava sinais de grandes transformações, segundo Pedro Corrêa, no “espírito empresarial que já progredia entre seus habitantes ligados ao comércio”, a respeito dos já se dizia que constituíam uma classe numerosa que negociava com quase tudo e muitas vezes faziam grandes fortunas. “Foi exatamente no decorrer do século XIX”, diz Pedro Corrêa, “que São Paulo desenvolveu algumas das características e traços de personalidade que a diferenciaram de outras cidades brasileiras e tornaram possível seu extraordinário crescimento no século XX.” Além disso, a cidade, desde 1828, abrigava a Faculdade de Direito, “o principal traço que faz São Paulo sobressair-se”, atraindo milhares de jovens, entre os quais alguns dos maiores talentos brasileiros do século XIX, como Castro Alves, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco.

São Paulo, segundo testemunhos da época, tinha aspecto senão rico pelo menos limpo e ordenado. Suas casas, cobertas de telhas vermelhas, quase que sem exceção, eram construídas de taipa, método construtivo associado aos paulistas, e branqueadas com uma espécie de cal conhecida na região como tabatinga. Seus amplos telhados, com beirais extensos, eram necessários para impedir que a água da chuva fizesse apodrecer as fundações. “As moradias paulistanas, quase sempre muito simples, e geralmente antigas, foram descritas por quase todos os viajantes que por aqui passaram. Segundo D. P. Kidder (1815-1891), que visitou a cidade em 1838, “... a planta das casas é muito variável, mas quase todas têm um pátio interno para arejar os quartos, sistema tornado ainda mais indispensável pelo costume de manter fechadas as janelas que dão para a rua”.

A Várzea do Carmo, larga planície por onde passava o Tamanduateí, hoje uma das regiões mais degradadas da cidade, tem especial importância para o presente trabalho na medida em que os artistas viajantes privilegiavam o local como ponto de observação da cidade. Algumas das melhores vistas da cidade foram tomadas exatamente desse ponto de observação, especialmente aquelas produzidas por Thomas Ender.

O movimento das tropas de mulas marcava o ritmo da cidade e de fato os tropeiros são onipresentes na história de São Paulo da primeira metade do século XIX. “A economia da cidade dependia basicamente do comércio até 1870”, diz Pedro Corrêa, “quando o café se torna a principal atividade, seguido pela indústria. As grandes fortunas eram ligadas ao transporte de mercadorias, e a iconografia mostra a riqueza da vestimenta dos chefes de tropa.” As mulas representavam o principal meio de transporte por caminhos muitas vezes nem sequer traçados e os tropeiros estavam à frente de uma atividade altamente lucrativa cuja decadência começaria somente com a chegada da estrada de ferro em 1867. Segundo Pedro Corrêa, “não surpreende, pois, que a maior parte da iconografia de costumes dos paulistas tenha focado tropeiros, ricos e pobres, dentro da cidade ou, mais comumente, em viagens”.

No que se refere à qualidade do material apresentado o organizador do trabalho destaca: “A quantidade limitada de sua produção em circunstâncias muitas vezes difíceis e com tempo escasso não compromete a qualidade artística da iconografia paulistana que chegou até nós. Entre seus autores encontram-se artistas de talento inegável; e mesmo aqueles que não tinham na pintura objetivo maior deixaram, muitas vezes, peças de mérito, ainda que imperfeitas. Dessa forma, no que se refere à qualidade artística do conjunto de obras aqui reunidas, encontramos-nos diante de um acervo de singular valor estético e documental.”

Como disse no início desta resenha, este é um livro essencial para todo aquele que de alguma maneira se interessa pela cidade de São Paulo, belíssimo nas suas imagens, fundamental para se conhecer por meio de terceiros uma cidade desaparecida para sempre.